ISSN: 2358-8829

ENTRE MATAS E SABERES: COMADRE FULOZINHA E AS PLANTAS MEDICINAIS DO POVO POTIGUARA

Sanderline Ribeiro dos Santos [1]
Aldenice Auxiliadora de Oliveira[2]

INTRODUÇÃO

Na tradição oral do Povo Potiguara, os saberes construídos e transmitidos ao longo das gerações mantêm estreita relação com o território, a natureza e a espiritualidade. Nesse contexto, destaca-se a presença de uma entidade mítica feminina reconhecida como guardiã das matas: a Comadre Fulozinha. A ela são atribuídos o cuidado e a proteção das matas, das nascentes, das plantas e dos animais, razão pela qual é considerada uma figura que merece respeito e diante da qual se deve pedir licença antes de adentrar os espaços sagrados do território. Nesse sentido, destacamos uma experiência literária vivenciada com as crianças indígenas da Aldeia São Francisco, no município de Baía da Traição, localizada no litoral norte da Paraíba.

Ao enveredar pelo caminho da sabedoria ancestral é possível afirmar que ela abrange vários aspectos em sua composição, suas formas de se relacionar com a natureza, o respeito aos seres espirituais que protegem os lugares sagrados, a compreensão de seus costumes, a utilização das plantas medicinais e rituais que estão interligados com a cosmologia dos povos originários. Partindo dessa premissa, com o presente trabalho abordamos a entidade mítica Comadre Fulozinha e a relação existente entre ela e a natureza, desenvolvendo uma prática literária vivenciada no chão da aldeia, realizada pelas autoras juntamente com a importante participação da anciã pajé Fátima e, as crianças indígenas.

O objetivo dessa experiência é valorizar os saberes tradicionais do Povo Potiguara, fortalecendo a tradição oral e os conhecimentos ancestrais entre as gerações. Pensando nessa conexão de proteção da Mãe Natureza e na relação espiritual com o território,

[1] Mestra pelo Curso de Ciências das Religiões da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, sanderlineribeiro@gmail.com
[2] Doutoranda pelo Curso de Letras da Universidade Federal da Paraíba- UFPB, aldenice.auxiliadora.ufpb@gmail.com

ressaltamos que as narrativas indígenas não são lendas nem folclore, visto que fazem parte da memória vivado nosso povo. Elas partem o que é vivido, sentido e executado no cotidiano entre os povos tradicionais que com sua sabedoria milenar possui suas formas de se religar ao divino, manifestando o sagrado. O que é experienciado é repassado como verdade máxima entre os integrantes da comunidade, atestando a existência do que para algumas pessoas, que estão fora do contexto, não passa de um simples causo, uma lenda, algo que é fruto do imaginário popular.

Registrar os acontecimentos relatados pelos nativos é uma forma de contribuir na preservação e difusão dos conhecimentos que estavam resguardados na mente de quem viveu ou ouviu de quem teve o privilégio de vivenciar. Em um cenário no qual o indígena se coloca na linha de resistência para preservar suas histórias e suas verdades, aqui buscamos exercer nosso papel de pesquisadoras e indígenas que podem colaborar na escrita dos conhecimentos tradicionais e sua inserção nos espaços acadêmicos, facilitando a aproximação do que é vivido e transmitido através da oralidade.

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

A atividade foi desenvolvida para além dos muros da escola, em meio à natureza, onde bancos feitos de varas unidas umas às outras serviam de assento, substituindo as cadeiras convencionais da sala de aula. O cheiro da mata envolvia nossa respiração e nos conectava a uma experiência de imersão nos saberes ancestrais e nos conhecimentos sobre as ervas medicinais, proporcionando uma aproximação com o universo dos encantados e das encantadas.

Antes da leitura - Motivação

A motivação foi realizada na oca da anciã e pajé Fátima, em meio à natureza, por meio do Toré e de seus cânticos, proporcionando aos participantes uma experiência de aproximação com a cultura e os saberes ancestrais do povo Potiguara. Esse momento favoreceu a conexão com o território, a espiritualidade e os ensinamentos transmitidos entre gerações, preparando o grupo para a leitura do texto Comadre Fulozinha (Caipora do Mato), extraído do livro Histórias Ancestrais do Povo Potiguara (2019).

Durante a leitura

ISSN: 2358-8829

Iniciamos com a leitura dos relatos publicados na referida obra:

Quadro 1. Relato entre os povos Potiguara da existência da Cumade Fulozinha ou Caipora do Mato.

Muitos são os relatos entre o povo Potiguara da existência da Cumade Fulozinha ou Caipora do Mato, entretanto, não a chame assim, pois ela pode ficar muito brava. Contam os antigos que Cumade Fulozinha é uma menina com aparência de 10 anos de idade, cabelos longos e pele morena bem clarinha. Ela protege as matas das agressões dos homens, principalmente dos caçadores. Por isso, o caçador, quando for caçar, e perceber alguma coisa estranha, ele deve voltar e oferecer a Cumade um pouco de fumo. Segundo relatos de pessoas que afirmam ter tido contato com Cumade Fulozinha, sua existência é comprovada pelas tranças que costuma fazer no rabo dos cavalos e pelas surras que costuma dar nos cachorros de caça e nos caçadores que ficam falando nomes (palavrões) no meio da mata. (p.16-17)

O momento da leitura foi realizado em círculo de leitura e em voz alta. A partir desse momento iniciamos uma reflexão coletiva se as crianças já tinham ouvido falar dos mais velhos sobre algo semelhante ao que foi relatado, algumas diziam que sim, através dos seus parentes mais próximos: avós, tios e vizinhos quando investiam em adentrar pelas matas ou por distração descumpriam alguma das orientações. Outros compartilhavam já terem visto a trança feita no rabo do cavalo ao amanhecer e que ninguém conseguia desfazer. Ao continuar a leitura do texto notávamos a familiaridade do que era oralizado com o que ambos vivenciavam na aldeia, desse modo se mantinham envolvidos com a atividade e externavam o entusiasmo na escuta atenta, e assim prosseguimos a leitura que conectava perfeitamente e aproximava suas vivências com a tradição oral, bem como está registrado na obra apresentada.

Quadro 2: Relato de Dona Adalgisa, da aldeia Lagoa Grande

"Eu tenho uma filha que tem uma égua que, de vez em quando, chegava com a crina e o rabo todo trançado. Minha filha chegou a cortar os cabelos do animal para que Cumade Fulozinha não os trançasse mais. O avô dela sugeriu passar pimenta na corda da égua, pois, dessa forma, Cumade Fulozinha não se aproximaria mais do animal,

ISSN: 2358-8829

porque ela não gosta de pimenta. Deste dia para cá, nunca mais o animal apareceu com os cabelos trançados", relatou Dona Adalgisa, da aldeia Lagoa Grande.(p.18).

Após a leitura

Após a leitura iniciamos uma roda de conversa na qual a fala da pajé Fátima foi ganhando destaque entre os curumins, falava da necessidade de se pedir licença à Comadre Fulozinha tanto para entrar na mata quanto para coletar as plantas que seriam utilizadas nos rituais de cura ou limpeza espiritual. As crianças seguiam com os olhares e ouvidos atentos a cada explicação realizada pela pajé Fátima, os quais prestavam atenção e compartilhavam seus saberes. Para esse momento, realizamos alguns questionamentos norteadores: vocês já ouviram falar da Comadre Fulozinha? Quais encantados e encantadas estão presentes nas matas do território indígena potiguara? Quem contou a história da Comadre Fulozinha para vocês? Também pedimos que compartilhassem os relatos da comunidade sobre essas histórias dos encantados presentes no território. Levando em consideração que não se trata de meras histórias fantasiosas, faz parte da memória viva presente no cotidiano da comunidade indígena e manifestada naquela ciranda de promoção do conhecimento.

Na sequência, evidenciamos outro relato lido da obra Histórias Ancestrais do Povo Potiguara, 2019, que reforçava o que estava sendo discutido como centro de atenção na roda de conversa.

Quadro 3: Relato da jovem Elane, da aldeia Três Rios

"Quando eu era pequena, fui com minha mãe e meu pai para a mata caçar. Chegando lá, eu percebi a presença de uma menina da minha idade, chamando-me para brincar com ela. Eu fui em sua direção, e ela ofereceu-me mel; balançou-me num balanço que tinha no meio da mata; depois ficou mexendo no meu cabelo para que eu adormecesse e disse para eu não me preocupar, pois quando eu acordasse me levaria para casa. Minha mãe encontrou-me algum tempo depois no meio das urtigas. O interessante é que eu não me cortei; já minha mãe, para me pegar, se cortou toda. Outro fato estranho foi o que aconteceu com meu cabelo: ele estava trançado e não teve jeito de destrançar. Minha mãe foi obrigada a cortar meu cabelo. O mesmo, desde então, não cresceu mais como antes", contou a jovem Elane, da aldeia Três Rios. (p.17-18)

A partir de uma abordagem reflexiva, esta ação tornou o processo mais produtivo, instigando os participantes a explorarem o conhecimento de forma prazerosa e investigativa, despertando o pensamento crítico e facilitando a compreensão da atividade que fluiu de forma prática, interativa e participativa, na qual os resultados esperados propiciassem o diálogo e o respeito aos conhecimentos transmitidos de geração para geração.

REFERENCIAL TEÓRICO

A literatura indígena constitui um importante meio de expressão dos povos originários, por meio do qual suas histórias, memórias e conhecimentos são compartilhados, reafirmando suas identidades diante dos processos históricos de silenciamento e invisibilização. Suas manifestações abrangem narrativas orais, poemas e cantos que atravessam gerações e contribuem para a continuidade dos saberes ancestrais. Essas expressões estão vinculadas aos modos de vida, às tradições e às cosmologias de cada povo, revelando diferentes formas de compreender e estabelecer relações com o território, a natureza e a ancestralidade. De acordo com Graúna (2015), a literatura indígena contemporânea no Brasil, remetem à auto-história de resistência, à luta pelo reconhecimento dos direitos e dos valores indígenas. (p.64).

Conforme Ribeiro (2015), as sociedades indígenas sempre mativeram uma forte conexão com o meio em que habitam por isso as tradições indígenas são ricas no que se refere à produção cultural. Esse pensamento nos conduz a evidenciar a importância de práticas literárias que valorizem e destaquem o conhecimento transmitido de geração para geração, especialmente quando realizado por mulheres que por muito tempo foram silenciadas e tiveram seus conhecimentos combatidos desde o perído colonial.

Segundo Thiél, o processo narrativo de tradição oral é construído com base na repetição, que assegura a continuidade do que é relatado(p.1180), a autora continua corroborando com nossa produção ao enfatizar o pensamento de que assim como outras obras literárias, as obras indígenas podem ser lidas com atenção sobre sua linguagem, construída no imbricamento da tradição oral, escrita e performática. Nesse sentido, Kambeba (2020, p. 28) afirma que “na educação indígena busca-se criar espaço e ações de interação entre culturas, entre mundos, sempre num constante diálogo, sem perder as

próprias referências identitárias, como a língua nativa, forte elemento de afirmação cultural e resistência".

Corroborando com o que orienta o Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas, na página 96, publicado em 1998, observamos o quanto as atividades pedagógicas dentro e fora da sala de aula necessitam estar caminhando sob a luz das seguintes particularidades:

> Desenvolver os valores da cultura tradicional relacionados: aos mais velhos às crianças e aos jovens às mulheres aos valores familiares aos rituais e à religiosidade às artes, danças, cantos, alimentação, usos e costumes à organização social. Desenvolver e fortalecer o respeito: às coisas sagradas às decisões da comunidade, à natureza, à mitologia, às festas tradicionaia, à vida e à saúde das pessoas.(RCNEI, p.96,1998.)

Destacamos ainda o parecer apontado pela professora Sélia Juvêncio, Kaingang, PR, na página 97, do RCNEI, ao tratar sobre Pluralidade Cutural, no eixo tematíco 5, no qual ela enfatiza que "0 aluno indígena reconhece que é importante levar para a escola os conhecimentos tradicionais de seu povo. No entanto, é preciso mais ainda, ou seja, chegar ao conhecimento desta realidade sem esquecer o conjunto." Partindo dessa premissa, a dialogicidade nos fez perguntar se os saberes dos anciões e anciãs estão presentes na execução dos conhecimentos transmitidos nos espaços escolares e se são validados pela comunidade acadêmica, de modo que a junção dos saberes seja ofertada com o objetivo de perpetuar a dinâmica coletiva do saber ancestral.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao serem questionadas sobre qual encantada ou encantado estava presente nas matas da Terra Indígena Potiguara, as crianças respoderam com unanimidade que era a Comadre Fulozinha. Os relatos de experiências foram diversos, de modo que, partindo das vivências, falavam com muita tranquilidade, diferente de outras crianças da cidade que geralmente trazem a figura dessa entidade feminina como promotora do medo, espanto e pavor. Com muita facilidade a identificavam como protetora das matas, guardiã dos animais e que favorecia aos caçadores, os quais ao adentrar na mata deixavam pra ela um pedaço de fumo de rolo desfiado e/ou um pedaço de resina de amescla (planta nativa

que, ao ter sua casca retirada, libera um resina bastante cheirosa) utilizada por ela para fazer defumação. Destacavam a necessidade de sempre pedir licença a essa encantada antes de entrar na mata e assim consegur realizar uma caminhada tranquila em meio a floresta.A narrativa propiciou o surgimento de ações que estimulem o reflorestamento das áreas degradadas como o plantio de árvores nativas utilizadas na produção dos xaropes, garrafadas, pomadas e banhos e a valorização das histórias que permeiam o mundo imaginário e as experiências vivencidas no cotidiano do território indígena com os seres espirituais. Nesse contexto, O RCNEI, na p.244, afirma que:

"existe também uma relação simbólica, que aparece em diversos campos da vida social como os rituais, os mitos, os cantos, os ornamentos, a medicina indígena, o xamanismo, os tabus alimentares e várias outras práticas cotidianas. Assim, o mundo das plantas e dos animais, entre outros, está carregado de sentido simbólico".

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluímos que, na ação realizada, resgatamos a roda de conversa, uma prática comum entre os povos originários, e trouxemos a fala da pajé, com suas experiências relacionadas a essa entidade, dialogando com as plantas que mais utiliza em seus rituais de cuidados físicos e espirituais. Dessa forma, valorizamos a oralidade dos mais velhos ao repassar aos mais novos seus conhecimentos, contribuindo para a preservação dos saberes ancestrais.

As reflexões produzidas a partir dessa atividade nos fizeram entender que esses saberes ancestrais devem ser registrados e publicados, de modo que assegurem a possibilidade da preservação de sua continuidade, da valorização dos múltiplos saberes e que o meio no qual a criança está inserida pode favorecer no seu processo de educação.

O presente trabalho traz contribuições efetivas que destacam a importância dos conhecimentos dos povos originários, a perpetuação da tradição oral pelas mulheres e suas práticas ritualísticas, a continuidade das rodas de conversas que favorecem a transmissão das experiências compartilhadas e a construção do saber coletivo, aproximando o que é escrito do que é vivenciado entre os mais velhos e as novas gerações, e desse modo, a valorização da literatura indígena.

Palavras-chave: Comadre Fulozinha, Tradição Oral, Povo Potiguara, Plantas Medicinais

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. *Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas* Brasília: MEC, 1998.

GRAÚNA, Graça. Contrapontos da literatura indígena contemporânea no Brasil. Belo Horizonte: Mazza, 2013. 7

KAMBEBA, Marcia Wayna. 2020. Saberes da floresta. São Paulo, Jandaíra

KRENAK, Ailton. Ideias para adiar o fim do mundo. São Paulo: Editora: Companhia das Letras, 2019.MARQUES, Cássio Ferreira et al. Histórias ancestrais do povo Potiguara. Clube de Autores, 2019.

THIÉL, Janice. Pele silenciosa, pele sonora: a literatura indígena em destaque. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012